



TOCHA

E S P E C I A L



PETROBRÁS E EMPREGOS NO PAÍS TÊM MUITO A PERDER COM PARCERIA TRUMP-BOLSONARO

A Petrobrás tem sido vítima de uma verdadeira auto-sabotagem em relação à sua participação no mercado de combustíveis no Brasil, ao menos desde o início da gestão Pedro Parente, em 2016, logo no início do governo Temer. Através de uma política de preços alinhada ao mercado internacional que fez explodir o preço do diesel, gasolina e gás de cozinha no país, o que resultou nas greves dos caminhoneiros e petroleiros em 2018, também permitiu que a partir de 2017 o país batesse recorde na importação de derivados de petróleo e a Petrobrás perdesse substancial participação de mercado.

Não por coincidência, em 2017 os produtores estadunidenses eram responsáveis por vender ao Brasil 80% do que o país importou de diesel e 60% do que importou de gasolina.

Essa trajetória é coerente com os objetivos anunciados por Roberto Castello Branco, presidente da Petrobrás indicado por Bolsonaro, que pretende entregar mais de 50% da atual capacidade de refino da Petrobrás para as mãos da iniciativa privada, onde certamente as grandes multinacionais petrolíferas dos Estados Unidos terão interesse em abocanhar mais espaço naquele que é o sétimo maior mercado de derivados de petróleo no mundo.

Nesse mesmo período, a Petrobrás bateu recorde na exportação de óleo cru, um produto primário, ao mesmo tempo em que as refinarias da Petrobrás, que transformam o petróleo em produto acabado para o uso como combustível, retrocederam a sua produção aos níveis de 2010, quando havia uma refinaria a menos no sistema,

mantendo ociosos em torno de 28% de sua capacidade, no primeiro semestre de 2018.

No entanto, se é verdade que a Petrobrás aumentou a exportação de petróleo, está nítido que a atual gestão da empresa apoia a entrega de campos do pré-sal através de leilões e da cessão do seu direito de produzir as reservas contidas na cessão onerosa a suas concorrentes. Essas políticas enfraquecem a empresa no cenário da indústria do petróleo, porque fortalece a concorrência, além de submeter uma riqueza nacional aos interesses de acionistas das multinacionais estrangeiras sem qualquer preocupação com a geração de emprego no Brasil, ou com a preservação do nosso meio-ambiente, assim como das nossas reservas energéticas.

O impacto das medidas no emprego são gritantes: a Petrobrás que já chegou a contar, em 2013, com mais de 380 mil funcionários diretos e indiretos, hoje conta com aproximadamente 100 mil. Além dos programas de demissões voluntárias para os empregados diretos, a paralisação de obras e projetos a partir da Lava Jato exterminou mais de duzentos mil postos de trabalho entre os empregados indiretos.

Por isso, algumas bases petroleiras no país devem realizar atos e atividades no dia 19/03, mesmo dia do encontro entre Bolsonaro e Trump, denunciando a ameaça que significa essa parceria para o futuro da Petrobrás e de toda a população brasileira, em especial os mais pobres.

Essas mobilizações devem ser parte da construção da unidade nacional da categoria e ajudar a impulsionar o dia nacional de mobilização, no próximo dia 22/03.

